

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MÍDIA IMPRESSA
NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL FEMININO NO BRASIL. – A
PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 80.**

**Prof. Msda. Tatiana Sviesk Moreira - UFPR
Prof. Msda Ana Letícia Padeski Ferreira - UFPR
Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr - UFPR**

RESUMO:

Neste estudo, realizaremos apontamentos introdutórios sobre a participação da mídia impressa na profissionalização do Voleibol feminino no Brasil, verificando alguns exemplares de duas revistas – Placar e Revista Brasileira de Educação Física e Desportos – durante a primeira metade da década de 80. No que se refere ao conteúdo de suas notícias sobre o Voleibol, observaremos a reincidência de assuntos tratados e assim, evidenciamos o assunto mais explorado. Objetivamos iniciar esta reflexão para que novas perspectivas possam surgir sobre o desenvolvimento das modalidades esportivas no Brasil.

ABSTRACT:

In this study, we will carry through introductory notes on the participation of the media printed in the professionalization of the feminine Volleyball in Brazil, verifying some units of two magazines - Placar and Brazilian Revista of Physical Education and Sports - during the first half of the decade of 80. As for the content of its notice on the Voleiball, we will observe the relapse of treat subjects and thus, we more evidence the explored subject. We objectify to initiate this reflection so that new perspectives can appear on the development of the esportivas modalities in Brazil.

RESUMEN

En este estudio, llevaremos a través de las notas introductorias sobre la participación de los medios impresos en la profesionalización del Voleibol femenino en el Brasil, verificando algunas unidades de dos compartimientos - Placar y Revista brasileño de la educación física y de deportes - durante la primera mitad de la década de 80. En cuanto al contenido de su aviso en el Voleibol, observaremos la recaída de los temas del convite y así, nosotros más evidencia el tema explorado. Objectify para iniciar esta reflexión de modo que las nuevas perspectivas puedan aparecer en el desarrollo de las modalidades de los esportivas en el Brasil.

INTRODUÇÃO

Considerando as relações estabelecidas entre agentes sociais dentro da estrutura de profissionalização do Voleibol feminino no Brasil, observamos a existência de fatores que participaram efetivamente deste processo de transição. Dentre estes se destacam a formação e manutenção de ídolos esportivos, a importação de modelos administrativos e de treinamento de algumas equipes, a mudança nas regras desta modalidade, a entrada de empresas para financiar times e as primeiras transmissões televisivas que abordaram este esporte.

Neste sentido é que pretendemos avançar no estudo sobre esta fase perpassada pelo Voleibol com a abordagem da mídia, neste caso, iniciaremos pela mídia impressa, pois sabemos que a televisão se mostrou um instrumento de expansão e veiculação de fatores determinantes da profissionalização, mas na jornada principal que temos a fazer que seria entender a estruturação da profissionalização do Voleibol feminino, necessitamos compreender como os diversos meios de comunicação estiveram presentes.

Neste primeiro momento escolhemos abordar a mídia impressa e especificamente a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos e a Revista Pácar pela facilidade de acesso a estes materiais e por termos enxergado neste recorte de abordagem a possibilidade de adentrarmos nas minúcias destas fontes, coisa que pesquisas de cunho estritamente quantitativo não se prestam a fazer.

A opção por estudar o Voleibol feminino se deu pela lacuna detectada nos estudos que envolvem a trajetória deste esporte no Brasil, quando reservam suas análises para equipes que mantiveram resultados expressivos e não fazem a leitura das transições ocorridas no Voleibol no Brasil considerando as equipes femininas que estiveram ali presentes, porém sem exploração desta passagem, mas na atualidade, assim como o masculino, se encontra em evidência no país. Sabendo que as transições na estrutura social não ocorrem drasticamente e numa relação de causa-efeito, é que se mostra válido entender o contexto desta fase.

Justificando a opção teórico-metodológica desta pesquisa – noções centrais da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu - temos que a forma deste sociólogo pensar os acontecimentos sociais foi, certa vez, por ele mesmo caracterizada, como “construtivismo estruturalista”¹. Construtivismo, pois o autor destaca a operância de uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, que são constitutivos do conceito de *habitus*². E a caracterização de estruturalista se dá, pela existência de estruturas objetivas autônomas que orientam as representações práticas dos agentes sociais, sendo estas autônomas das vontades e da consciência dos agentes sociais.

Constatamos a coerência necessária para o entendimento das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos, instituições e estruturas inseridas no processo de profissionalização do Voleibol feminino no país, pois é possível perceber certa lógica nas relações estabelecidas no contexto da profissionalização.

O campo, para Bourdieu, é caracterizado como um universo formado pela disposição de seus agentes, onde estes vivem em confronto pelo acúmulo de capitais específicos a este universo (não se trata necessariamente de capital econômico, mas também sociais e culturais, que são maneiras de se obter prestígio e se legitimar em determinado campo conferindo ao portador notoriedade e apreciação), porém, possuem

¹ Comentário, de certa forma irônico de Bourdieu sobre a aplicação de rótulos, realizado em Conferência realizada na Universidade de San Diego, no ano de 1986. (MARCHI JR, 2004, p.46)

² Sobre o *habitus*: “A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo”. (LOYOLA, 2002, p.68)

aspirações em comum, e isto traz certa cumplicidade entre estes e os caracterizam como agentes atuantes em determinado campo (LOYOLA, 2002 p.67).

Tendo como questão norteadora desta reflexão a participação das revistas no contexto da profissionalização do Voleibol feminino, inicialmente abordaremos a fase de profissionalização do Voleibol no Brasil e depois as notícias circuladas sobre esta modalidade e algumas possibilidades quanto à articulação dos dados.

O CONTEXTO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

O Voleibol é hoje uma das modalidades esportivas consideradas detentoras da preferência nacional brasileira. Sua distinção no cenário esportivo nacional se mostra evidente e parece ser reforçada pelo favoritismo das equipes brasileiras em competições de renome internacional, e na sua relação com o público, em grande parte favorecida pela mídia. Esta relação pode ser enfatizada tanto por meio das transmissões televisivas de alguns jogos em rede aberta e horário nobre e de matérias em jornais e revistas (mídia impressa), quanto na apropriação, quando não incorporação, por parte do público, de signos pertencentes à esta modalidade que são traduzidos nas práticas esportivas, nos modos de se vestir e de se portar e na aquisição de produtos que, através de publicidade, são vinculados ao Voleibol.

Mapeando as ações e disposições sociais dos agentes diretamente inseridos no Voleibol³, temos que a relação recíproca de interesses estabelecida entre tais faz com que ambos se beneficiem, criando e sustentando um ciclo necessário para a ascensão desta modalidade esportiva no Brasil, ciclo este que garante o interesse das empresas e dos meios de transmissão televisiva no Voleibol. Corroborando com o fato de que as transformações na sociedade não acontecem de imediato numa relação de causa e efeito, esta relação entre os agentes que na atualidade delimitam e compõem o campo do Voleibol no Brasil foi construída ao longo da sua trajetória neste país⁴.

O ciclo de que o Voleibol necessita para se manter em evidência e garantir sua aceitabilidade pelo público brasileiro e, desta forma, pela mídia e empresas patrocinadoras, partiu da revelação de ídolos esportivos em meados dos anos 70 e início da década de 80, desencadeando no interesse inicial das empresas em fazer parte desta modalidade e, sucessivamente, da mídia televisiva em abordá-la em sua programação⁵. “O Marketing esportivo encontra seu auge 1970 por meio das transmissões esportivas televisivas. De um instrumento de comunicação pouco expressivo, o Marketing Esportivo explodiu e passou a oferecer um retorno incalculável, fantástico, excepcional.” (ROCHA, 2004, p.27)

Em suma, os ídolos esportivos desencadeiam o interesse das empresas em fazer parte do voleibol patrocinando equipes e atletas, a mídia televisiva fundamentada pelos altos índices de audiência nas transmissões de jogos e produtos vinculados ao voleibol

³ Leia-se mídia, patrocinadores, clubes, seleções, dirigência e público.

⁴ MARCHI JR (2004) discorre com propriedade e profundidade sobre as relações sociais estabelecidas entre os agentes, considerando seu posicionamento e disposições, que influenciaram nas transformações apresentadas no Voleibol nas três fases que o Voleibol perpassou no país, por ele denominadas: amadorismo, profissionalização e espetacularização, Bourdieu citado por LOYOLA (2002, p.65) apresenta que as relações sociais “formam um sistema de estratégias de reprodução, ou seqüências objetivamente ordenadas e orientadas de práticas que todo o grupo deve produzir para se reproduzir enquanto grupo”.

⁵ A chamada geração de prata – denominação dada à seleção masculina quando conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984 – abriu portas para que as empresas comessem a investir no vôlei. “Ídolos levam novas gerações a se interessar pela prática de esportes, gerando novos resultados positivos, sociais e esportivos”. (Disponível em http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent_rui-campos.htm Acesso em 14 Jul 2005.)

acredita na proposta e, alicerçado por esta relação de dependência mútua, o Voleibol passa a apresentar um nível técnico ascendente e maiores chances de se manter em evidência.⁶

Em meados dos anos 1970, a entrada de Carlos Arthur Nuzman na presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), favoreceu os primeiros passos para a profissionalização do Voleibol⁷. Até então, o Voleibol assumia no Brasil características de esporte amador, isto é, os atletas não recebiam retorno financeiro para jogarem. Para o próprio Nuzman, o fato que marcou o início desta transição foi o jogo ocorrido entre as equipes masculinas de Brasil e Polônia (campeã olímpica em Montreal) nas Olimpíadas de Moscou em 1980 onde, perdendo de 2 *sets* a zero, o Brasil conseguiu virar o jogo e vencer por 3 *sets* a 2⁸.

MARCHI JR (2004, p.120) coloca que o então Ministro da Educação e executivo da companhia de seguros Atlântica/Boa Vista, Antônio Carlos de Almeida Braga, assistindo ao referido jogo perguntou a Nuzman o motivo de aqueles atletas estarem jogando no exterior e o que faltava para o Brasil possuir equipes capazes de desempenhar performances como a ali apresentada. Nuzman então respondeu que necessitava profissionalizar o esporte e propôs ao empresário que, caso ele apoiasse, o dirigente iria propor ao Conselho Nacional de Desportos (CND) que as empresas pudessem entrar no vôlei como já acontecia no exterior.

Amparado por Antônio Carlos de Almeida Braga, Nuzman travou uma luta com o CND que durou aproximadamente um ano, mas conseguiu fazer com que seu pedido fosse aprovado sendo deliberado, a partir de 1981, o fim da proibição das empresas de patrocinarem o esporte, podendo assim, os atletas, mostrarem em suas camisetas nomes destes patrocinadores. Além disto, foi proibida a saída de atletas brasileiros para jogarem em outro país. (MARCHI JR, 2004, p.121)

Outro fato considerado nos avanços que a modalidade apresentou a partir da presidência de Nuzman na CBV, foi a importação de modelos estrangeiros de administração, principalmente asiáticos e norte-americanos. O dirigente enviou um superintendente para estudar o modelo japonês e superestimou as condições norte-americanas de desenvolvimento da indústria de entretenimento. Além da questão administrativa, Nuzman também importou os métodos orientais de treinamento, os adaptando às características dos atletas brasileiros. O cume deste trabalho se deu em Munique, 1972. (MARCHI JR, 2004, p.123)

Dentre as estratégias acatadas por Nuzman para promover o Voleibol no país, ROCHA (2004, p.9) aponta seu esforço para que em 1977 o Brasil pudesse sediar os Mundiais masculino e feminino na categoria juvenil. SILVA (2004, p.69) corrobora neste sentido afirmando que trazer este campeonato para o Brasil e transmitir os jogos pela Rede Bandeirantes fez parte deste trabalho de colocar o Voleibol em evidência no país. Nesta esteira de raciocínio referente às estratégias de ascensão do Voleibol no Brasil, MARCHI JR (2004, p.121) aponta que Nuzman defendia que se atletas brasileiros representassem times estrangeiros, eles estariam comprometendo o retorno de investidores no esporte nacional, além da aceitação popular deste. Ademais, o dirigente associou a má condição

⁶ Aqui nos referimos ao “Voleibol” como sendo os agentes diretamente inseridos neste campo, pois as medidas ali tomadas são dadas por ações destes indivíduos dentro deste espaço.

⁷ Segundo MARCHI JR (2004, p.91) “Carlos Arthur Nuzman teve seus méritos, mas não foi o único responsável”. Este processo aconteceria independentemente da sua participação efetiva, pois os outros países já estavam com uma estrutura de profissionalização mais apurada. Porém, dada sua “base de apoio no meio político-conservador e empresarial” (MARCHI JR, 2004, p.123), Nuzman obteve êxito em sua empreitada em ascender o Voleibol nacionalmente.

⁸ MARCHI JR (2004, p.120) aponta que o ex-presidente da CBV se referiu a essa partida como “um dos jogos mais importantes para a história do voleibol”. Em entrevista publicada na revista Saque, São Paulo, n.1, 1985.

física apresentada nas Olimpíadas de Moscou à temporada de treinamentos e jogos da Liga Italiana.

Neste contexto, ocorreram algumas divergências entre a opinião de Nuzman e de alguns atletas. Os conflitos certamente iriam ocorrer, pois uma nova forma de administração estava sendo colocada em prática, onde algumas normas, não somente os novos regimentos instituídos, mas também concernente à maneira de se portar, necessitavam ser estabelecidas para que se desse a profissionalização. Tratava-se de uma nova lógica social onde os atletas tinham, mais do que nunca, que prezar pela sua imagem. As relações se tornavam cada vez mais complexas, entre cada vez mais pessoas. Ora, quando o Voleibol possuía, em maior parte, características amadoras, poucas pessoas tinham acesso aos jogos, somente as que iam aos ginásios, com as transmissões televisivas, o quadro havia mudado.

Um dos casos de confronto entre Nuzman e atletas aconteceu com a levantadora Jacqueline Silva, suas atitudes eram tidas como indisciplinadas pelo diretor da CBV, técnicos e até mesmo, a maior parte das colegas de equipe. Comparava o Voleibol feminino ao masculino buscando igualdade, principalmente no que se concerne ao retorno financeiro pela divulgação de marcas e por representar as equipes profissionalmente. Assim, as diferenças entre o Voleibol masculino e feminino fizeram com que a atleta se referisse a este período pelo qual o voleibol brasileiro estava passando como uma promoção do tipo: “leve o masculino e ganhe o feminino”. (SILVA, 2004, p.69)⁹

As declarações polêmicas da jogadora, o novo plano de Nuzman que colocava em vigor a necessidade de disciplina dos atletas e o potencial de poder conferido a ele dentro do campo do Voleibol naquele momento, fizeram com que a atleta fosse expulsa da seleção brasileira após vários cortes sucessivos. (MOREIRA, 2005)¹⁰

Nuzman denominou uma vitória da disciplina sobre a indisciplinada a conquista do Sul-Americano em Santo André, no ano de 1981, jogo do qual Jacqueline e Isabel não participaram por terem sido cortadas três dias antes da final contra o Peru (campeão hegemônico até então). Não deixando de considerar que as jogadoras tinham importância fundamental nos planos que ele tinha com a seleção feminina, Nuzman declarou que o Brasil “(...)mostrou equilíbrio psicológico, utilizou de seu potencial tático, técnico e físico e chegou à vitória”. (CUNHA, 1981, p.25)¹¹

Em termos gerais, a profissionalização da modalidade proporcionou à alguns atletas que, durante algum tempo, necessitavam conciliar as sessões de treinamento com a sua rotina de afazeres diários como estudo, trabalho e família, tempo e disponibilidade para se dedicar ao Voleibol. As empresas patrocinadoras lucraram com este incentivo, pois a possibilidade de maior dedicação trouxe um nível de performance desencadeador da constante formação de novos ídolos, o que assegurou a visibilidade de seus produtos. A televisão, por sua vez, notou que os jogos de voleibol passaram a ter cada vez mais

⁹ Citada por MOREIRA (2005). Artigo em CD-ROM.

¹⁰ Na sessão destinada às cartas do leitor da revista Placar de nº832, 5 de maio de 1986, foi publicada uma declaração, se referindo à um dos cortes de Jacqueline, que se intitulou “Visão curta”. “Mais uma vez, a maravilhosa jogadora Jacqueline ficou de fora da Seleção Brasileira de vôlei. Estou profundamente desapontado. Trata-se de uma atleta imprescindível, punida apenas pela teimosia e visão curta dos dirigentes.” Considerando o contexto desta nota, é possível imaginar que a expulsão da atleta pode não ter ocorrido pelo fato de ela se posicionar abaixo de Nuzman na escala de poder dentro do campo esportivo (como conclui MOREIRA, 2005), mas também como uma estratégia tomada por ele no sentido de permanecer no poder, evitar um possível desvio em seus planos causados pelo prestígio da atleta ou a antipatia dos fãs de Jacqueline pelos cortes sucessivos. Atualmente, com a espetacularização do Voleibol, alguns casos de condutas ditas não aceitáveis socialmente parecem ser ocultados, como é o caso do jogador Giba e o seu provável envolvimento com entorpecentes.

¹¹ Citada por MOREIRA (2005). Artigo em CD-ROM.

expectadores¹² e investiu para que a modalidade pudesse ser assistida, então, por um público significativo de brasileiros, recebendo sua parcela de lucro com este investimento.

O início da empreitada de patrocínios foi marcado pelo apoio do amigo pessoal de Nuzman, Braguinha (como era chamado o executivo da Atlântica/Boavista de Seguros do Rio de Janeiro, Antônio Carlos de Almeida Braga). O empresário estreou a operacionalização do plano de desenvolvimento do Voleibol no Brasil patrocinando os times: Pirelli e Supergasbrás. As referidas empresas tinham times de funcionários¹³ e, com a aceitação da proposta de Nuzman pelo CND, resolveram contratar atletas (ROCHA 2004, p.31). Esta iniciativa atraiu a atenção de empresários, e, isto possibilitou a profissionalização das seleções. (MARCHI JR, 2004, p.124)

Redimensionando o foco de análise da trajetória perpassada pelo Voleibol no Brasil aos aspectos que envolvem a profissionalização do Voleibol feminino, algumas situações problematizadoras merecem ser apresentadas. Nos primeiros passos da profissionalização, em detrimento aos jogadores da seleção masculina de Voleibol, as atletas não recebiam apoio financeiro, mesmo utilizando sua imagem para a venda de determinados produtos.¹⁴

Na atualidade, poderíamos sugerir desconsiderando os fatos na sua totalidade, que o Voleibol feminino simplesmente evoluiu às sombras do masculino¹⁵. Porém, vender a marca de uma empresa naquele contexto não tinha o mesmo significado que nos dias de hoje, porque a ordem a que se estava habituado e, que era perpetuada era a do Voleibol amador, onde se praticava apenas por afinidade, paixão pelo esporte. Desta forma, não era tão evidente como parece ser hoje em dia que se tratava uma relação de mão única, onde somente um lado estava sendo favorecido ou um dos lados não estava se favorecendo tanto quanto poderia.

Outra questão diz respeito às adaptações sofridas pela modalidade em decorrência dos novos contornos assumidos por ela, para a aceitação do público brasileiro. Estas alterações não apareceram repentinamente, mas foram necessárias, tendo em vista que para BOURDIEU (1990, p.210) o espaço dos esportes está inserido num espaço de práticas e consumos, isto é:

As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante da relação entre uma oferta e uma procura, ou, mais precisamente, entre o espaço

¹² A atleta Jacqueline Silva aponta uma passagem que considera marcante em sua carreira, onde as atletas entraram no ginásio do Ibirapuera para participar do Mundialito e achavam que só teriam uns “gatos pingados” e o pai da Vera Mossa para assistir a partida, mas o ginásio lotou, as atletas ganharam o Mundialito e ficaram “famosas da noite para o dia”. (SILVA, 2004, p.69)

¹³ A questão da profissionalização dos esportes, ainda hoje, não é efetiva em algumas modalidades, clubes ou mesmo empresas. A própria estrutura de profissionais que trabalham com o esporte nos dias atuais, que se constitui basicamente de técnicos desportivos, auxiliares e arbitragem dificilmente tiram desta atividade o seu sustento financeiro. MARCHI JR (2004, p.122) afirma que a profissão atleta não é regulamentada por lei e que, na maior parte dos casos, não possuem direito de seguro desemprego, décimo terceiro salário. Desta forma, ao denominar a fase perpassada pelo Voleibol no Brasil que teve seus primeiros indícios em meados dos anos 80 e se instaurou gradativamente ao longo da década de 80, deve-se tomar os devidos cuidados, pois isto somente foi aplicado em algumas equipes.

¹⁴ A atleta Isabel, em entrevista à revista Placar, critica o preço alto cobrado nos ingressos, dizendo que “...o pessoal nem sabe que não ganhamos nada para jogar na seleção e até pagamos os refrigerantes que tomamos no hotel”. (MARANHÃO, 1984)

¹⁵ BOURDIEU (1990, p.210) ressalta que “...a prioridade das prioridades é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas do qual as monografias consagradas a esportes particulares vão registrar os efeitos.” Desta forma, tendo como fonte algumas bibliografias que tomaram o Voleibol masculino para enxergar o desenvolvimento desta modalidade na fase pretendida, consideramos válido. Entender os efeitos da profissionalização do Voleibol masculino sobre o feminino é necessário porque, inegavelmente existem os efeitos de um no outro e do outro no um. Por outro lado, a partir da observação de dados peculiares, precisamos entender em que medida o Voleibol feminino conquistou certa autonomia.

dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com o outro espaço de oferta).

A alteração no tempo total do jogo, advinda do aumento da quantidade de pontos por set e da abolição da vantagem, a utilização tempo técnico, assim como as mudanças no uniforme das seleções, podem servir de exemplos mais recentes desta adequação. Em outro contexto, a lei que proibiu a saída de jogadores para atuarem no exterior, que buscava formar um vínculo entre torcedores e ídolos esportivo, serviu de impulso inicial para favorecer a aderência do público à modalidade.

Desta forma, dentro de sua trajetória no Brasil, o Voleibol se inseriu em diferentes contextos que caracterizaram suas fases e mediaram suas evoluções considerando, e aí não concluímos, mas sim hipotetizamos, a relação entre procura e oferta. Entendendo que a história dos esportes se mostra relativamente autônoma, isto é, possui leis específicas de funcionamento regentes da sua estruturação perante o campo esportivo e os espaços sociais (BOURDIEU, 1983, p.137), o Voleibol feminino durante sua história e especificamente dentro deste recorte (a profissionalização da modalidade no Brasil) incorporou também características próprias, mesmo participando da lógica determinante das relações objetivas.

A MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Neste item abordaremos as notícias e passagens sobre o Voleibol publicadas em duas revistas durante o período de 1981 a 1986, a Revista Placar e a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos. Apesar de a segunda aparentar ser de caráter essencialmente científico, apresenta alguns conteúdos na parte denominada “panorama esportivo” que, juntamente com as matérias da Revista Placar, foram destinados a atingir o público que se interessa por informações sobre esporte. Desta forma, para nortear a reflexão, primeiramente serão apresentados os assuntos recorrentes e o quanto o são, nestas publicações que tem o Voleibol como tema, posteriormente será feita uma interpretação sobre o tema de maior abordagem por estes meios.

Verificamos 4 Revistas Placar (dos anos de 1984 e 1986) e 6 Revistas Brasileira de Educação Física e Desportos (dos anos de 1981, 1982 e 1983). Sobre a quantidade e tipologia de informações encontradas sobre Voleibol, temos 16 notas informativas, 7 reportagens, duas cartas de leitor. O conteúdo identificado nestes documentos foi classificado como referentes à: popularidade do voleibol nos âmbitos nacional e internacional, divulgação de resultados em competições, menção aos ídolos esportivos, marketing esportivo, favoritismo das seleções masculinas, tentativa de conquista de espaço pelas equipes femininas, características de amadorismo, parcerias entre instituições, transmissões televisivas e outros assuntos referentes aos clubes brasileiros e categorias de base. Dentro desta gama de assuntos abordados através das reportagens sobre o Voleibol, a questão dos ídolos se mostrou a mais recorrente.

A somatória de dados que classificamos, em seu conjunto, se submetidos à análise,, podem dar indícios sobre a posição ocupada pelo Voleibol feminino no sub-campo do Voleibol no contexto da profissionalização. Vemos, através do embasamento teórico de Bourdieu, na mídia, assim como na totalidade das estruturas sociais, confrontos sociais no sentido de instituições e agentes buscarem se estabelecer em uma posição de prestígio. Esta possibilidade de obter maior credibilidade e reconhecimento em sua esfera de convívio social está intimamente relacionada à soma de capitais condizentes com a especificidade do campo estão inseridas.

Assim sendo, na formulação de sua Teoria dos Campos, Bourdieu explicita a existência das leis gerais dos campos que fazem com que possamos interpretar diferentes

realidades utilizando a mesma forma de pensar as práticas sociais (BOURDIEU, 2003, p.66), e as leis internas dos campos, onde os agentes lá inseridos vivem em uma hierarquia e em confronto por determinada posição nesta hierarquia¹⁶ e têm em si incorporado um senso prático comum, o *habitus* social, que orienta as suas práticas e estabelece os limites relativos à sua forma de agir, pensar e se relacionar, que são respeitados quando são expostos à determinadas situações.

O *habitus* é inerente a determinado campo social, pois se estrutura ali pela constante exposição a condições que se renovam seguindo determinada lógica, mas sendo este transponível¹⁷, podemos enxergar em nosso objeto de estudo as transições sociais na estrutura do Voleibol feminino no Brasil que se determinam ou pela reificação de um *habitus* social do campo esportivo, especificamente do sub-campo do Voleibol, ou pelas rupturas com determinadas lógicas sociais imanentes. Nesta perspectiva, através do nosso material empírico, buscamos identificar não só a lógica do Voleibol feminino na metade da década de 80, até porque o primeiro tópico do trabalho inicia esta discussão, mas começar a pensar no que se concerne à lógica seguida pelas revistas analisadas referente às reportagens de Voleibol feminino naquele contexto social.

As reportagens apresentaram características peculiares quanto à menção aos ídolos esportivos e, no recorte temporal estudado, percebemos que estes se apresentam de forma diferenciada no Voleibol feminino e no Voleibol masculino. Quanto aos ídolos das equipes masculinas, verificamos a presença da performance como componente, pois o famoso saque jornada nas estrelas foi tido pelo autor da matéria intitulada “Vôlei: medalha de ouro” (Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, 1983, p.36) como “uma das suas maiores atrações”.

Quanto à aparição de estrelas do Voleibol feminino neste período, identificamos um conflito instaurado e evidenciado pelas revistas, que diz respeito às atletas Jacqueline Silva e Isabel. Se não estão abordando o caso de indisciplina das atletas, as reportagens, em algum momento fazem menção às duas como sendo importantes para o time. Segundo MOREIRA (2005)¹⁸ “Os conflitos dentro dos campos que poderão determinar a permanência ou não do que lhe é próprio ou até mesmo peculiar, são determinadas pelas posições e, estas se dispõem de acordo com a detenção de capitais específicos de seus integrantes.”

Ousamos dizer que pode ter sido uma forma de incorporação e utilização da lógica dos agentes midiáticos que, segundo BOURDIEU (1997, p.25) só que falando sobre a televisão, buscam o espetacular convidando à dramatização através do exagero de importância aos acontecimentos. No caso do Voleibol masculino, o espetacular estava apresentado na forma de resultados, mas no feminino, como eles não eram tão expressivos assim, o que chamava à atenção eram os depoimentos polêmicos que as atletas davam falando abertamente sobre como enxergavam o comportamento das outras e até mesmo da dirigência, o que na atualidade raramente acontece, pois mesmo sendo na subjetividade, sabemos que as características de um “furo jornalístico” são próximas do que Bourdieu corroborou acima.

¹⁶ Esta conceitualização é encontrada em LOYOLA (2002, p.67).

¹⁷ LOYOLA, (2002, p.68)

¹⁸ Artigo em CD rom.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando a nossa identificação inicial da fase de profissionalização voleibol feminino como um objeto que necessita de análises elaboradas, imaginamos ter contribuído no sentido de levantar possíveis questionamentos que nos levariam a detectar a lógica regente do sub-campo do Voleibol em tal contexto. Identificamos que, notoriamente, as condições estabelecidas pelos agentes diretamente ligados às transições sociais favoreceram a ascensão do Voleibol tanto masculino quanto feminino, mas com o foco na luta pelo poder do conflito instaurado pelo qual o Voleibol feminino perpassou, percebemos que os motivos que levaram à uma melhor posição do Voleibol masculino naquele contexto são mais complexos do que pode parecer.

Em mais uma de nossas publicações sobre o Voleibol feminino em sua fase de profissionalização, agora timidamente tomando alguns exemplos presentes nas revistas que verificamos, enxergamos a pertinência da Teoria dos Campos de Bourdieu para a compreensão do campo esportivo e das complexas relações existentes entre seus agentes. Conceitos centrais desta teoria como *habitus*, capital e campo e pressupostos como a relação entre oferta e demanda, a lei geral dos campos e os posicionamentos dos agentes vêm a calhar e nos ajudaram, até então, a enxergar o objeto em suas minúcias.

Quando nos propomos a mapear em termos quantitativos e qualitativos, desta vez mais o primeiro do que o segundo, a produção, identificamos que esta proporcionou-nos enxergar de diferentes pontos de vista o Voleibol feminino, e entender que existe uma série de referências formadoras da notícia nestes meios de comunicação e estas constituem o *habitus* deste campo midiático, isto é, a forma de perceber, agir e se relacionar no meio social.

Consideramos as limitações do nosso estudo por utilizarmos duas revistas como material empírico e observarmos em alguns aspectos qualitativos apenas o quesito mais citado nas reportagens que foi o trato com os ídolos, mas a contribuição se deu mais no sentido de apontar direções para onde a pesquisa sociológica sobre o esporte pode correr e evidenciar a magnitude de possibilidades de atuação dos agentes inseridos neste.

Assim como apresentamos estatisticamente os temas recorrentes nas revistas escolhidas e elencamos uma forma de guiar as atitudes de atletas homens e mulheres com formas diferentes de articulação das informações, lançamos, a partir desta problematização, a perspectiva de continuar a análise do papel das mídias no processo de profissionalização do Voleibol feminino no Brasil para uma compreensão geral da estruturação deste processo.

Utilizamos uma citação direta, em forma de metáfora, de Bourdieu para exemplificar a necessidade de conhecimento das possíveis variáveis de funcionamento do campo através da explicitação dos agentes e instituições envolvidos: “Se não sei que as perturbações de Urano são determinadas por Netuno, acreditarei que compreendo o que se passa em Urano, quando na realidade compreenderei os efeitos de Netuno” (BOURDIEU, 1990, p.210) Assim, entendemos que o conhecimento sobre desenvolvimento do esporte moderno deve considerar a magnitude das relações sociais estabelecidas neste campo de atuação.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Betise. Vôo de estrelas. **In Revista Placar**. 5 de Maio de 1986.
- ANDRADE, Hélio. Atlântica-Boavista, um seguro para o atleta. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília. n.48, p.5-6. out/dez 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CUNHA, Ângela Regina. Vôlei brasileiro: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília. nº 48 p.25-28 out/dez 1981.
- LOYOLA, Maria Andréa (org). **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- MARANHÃO, Carlos. Um lento progresso. **In: Revista Placar**. 25 de Maio de 1984.
- MARANHÃO, Carlos. Aprendemos a perder. **In: Revista Placar**. 20 de Abril de 1984.
- MARCHI JR, Wanderley. **Sacando o Voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MOREIRA, Tatiana Sviesk. Jack e o vôlei: uma atleta rebelde no campo esportivo brasileiro. In: **XXV Congreso de la asociación latinoamericana de sociologia**. CR-ROM: ANAIS-GT 25: Sociologia del deporte y esparcimiento. Porto Alegre/ RS/ Brasil: 2005.v.1
- ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu - Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.
- ROCHA, Alessandra Elisangela da. O processo de transformação do voleibol amador e profissional na CBV. **Sprint – Body Science**. Setembro/Outubro, 2004.
- SILVA, Jacqueline. **Jackie do Brasil - Autobiografia de uma jogadora não autorizada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- Cortada do vôlei. **In: Revista Placar**. 20 de Abril de 1984.
- O vôlei em baixa nos Estados Unidos. **In Revista Placar**. 20 de Abril de 1984.
- Playboy no vôlei. **In Revista Placar**. 20 de Abril de 1984.
- Teste para Los Angeles. **In: Revista Placar**. 25 de Maio de 1984.
- Visão curta. **In: Revista Placar**. 05 de Maio de 1986.
- Volibol: Brasil é campeão. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro. n.47 p.47 jul/set 1981
- Vôlei do Brasil é tri. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro. n.49 p.50 jan./mar/ 1982.
- Vôlei do Brasil pelo mundo. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro. n.50 p.43 abr./set. 1982.
- Voleibol e atletismo. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro.n.51 p.45 out./mar. 1983.
- Vôlei: medalha de ouro. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro. n. 52 p.36 abr./set. 1983.
- http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent_rui-campos.htm Acesso em 14 Jul. 2005

R: Des. Arthur Leme, 406, apto 31
Bacacheri Curitiba PR

tatisviesk@hotmail.com